

Priscila Arantes \*

# Sobre lampejos em tempos de pandemia<sup>1</sup>

\*

**Priscila Almeida Cunha Arantes** é diretora artística e curadora do Paço das Artes desde 2007. Realizou pós-doutorado na Pennsylvania State University (EUA) e UNICAMP, é doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e formada em Filosofia pela USP/SP. Pesquisadora produtividade pesquisa do CNPQ, é líder do grupo de Estudos do CNPQ: Design, Arte e Memória: perspectivas Contemporâneas. É crítica de arte, curadora e professora do Departamento de Artes da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de SP) e docente do PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi.  
<priscila.a.c.arantes@gmail.com>  
ORCID: 0000-0002-0500-0849

**Resumo** Sobre lampejos em tempos de pandemia discute a cultura e as políticas públicas no contexto da pandemia tomando como estudo de caso o Paço das Artes. O artigo divide-se em três partes. No primeiro, fazemos um breve arrazoado da área cultural no Brasil. Na segunda e terceira, apresentamos a programação virtual do Paço das Artes desenvolvida dentro do contexto da crise da cultura potencializada pela pandemia da COVID 19.

**Palavras chave** Cultura, Pandemia, Paço das Artes, Curadoria, Políticas Públicas.

### **On scintilla in times of pandemic**

**Abstract** *On scintilla in times of pandemic, discusses the culture and public policies in the context of the pandemic, taking Paço das Artes as a case study. The article is divided into three parts. At first, we make a brief discussion of the cultural area in Brazil. In the second and third, we present the virtual programming of Paço das Artes developed within the context of the cultural crisis enhanced by the pandemic of COVID 19.*

**Keywords** *Culture, Pandemic, Paço das Artes, Curation, Public Policies.*

### **Acerca de los centelleos en tiempos de pandemia**

**Resumen** *Acerca de los centelleos en tiempos de pandemia, argumenta la cultura y las políticas públicas en el contexto de la pandemia, tomando Paço das Artes como estudio de caso. El artículo se divide en tres partes. En un primer momento, hacemos una breve discusión sobre el área cultural en Brasil. En el segundo y tercero, presentamos la programación virtual de Paço das Artes desarrollada en el contexto de la crisis cultural potenciada por la pandemia de COVID 19..*

**Palabras clave** *Cultura, Pandemia, Paços das Artes, Políticas Públicas.*

## Introdução

Em *Articolo dele lucciole* (1975) Pier Paolo Pasolini, poeta e cineasta italiano, descreve o desaparecimento dos vagalumes, fenômeno ocorrido na Itália nos primeiros anos da década de 60 em decorrência da poluição do ar e dos rios.

O artigo publicado originalmente no *Corriere della Sera*, em julho de 1974, trata da morte dos vagalumes como uma espécie de lamento, metáfora utilizada para indicar as aparições figurativas de resistência ao mundo do terror. Pasolini acreditava que o fascismo havia triunfado e se apresentava, nas décadas de 1960 e 1970, muito mais terrível do que durante o regime de Mussolini. Os meios através dos quais o modo de vida dominante se expandia, buscando domesticar os desejos e padronizar os sujeitos, tinha desestruturado as formas-desvio situadas para além dos lugares hegemônicos. Neste cenário, as luzes múltiplas e delicadas dos pequenos vagalumes, potência errática e não redutível à ordem instituída, tinham sido ofuscadas pela grande luz emitida pelos holofotes, projetores e aparelhos a partir dos quais se executava o projeto de homogeneização dos sujeitos e de genocídio cultural.

Já em *Sobrevivência dos Vagalumes*, Georges Didi-Huberman retoma Pasolini com algumas diferenças. Ele argumenta que por mais poderosos que sejam os maquinismos totalitários utilizados para os silenciamentos, devemos crer que há sempre a possibilidade dos lampejos que conseguem escapar. Formas rasurantes que resistem e acenam exatamente para outras formas de vida que não aquelas legitimadas pela ordem estabelecida.

O genocídio cultural a que se refere Pasolini tem sido uma constante no Brasil, em um país governado por forças extremamente conservadoras que não têm, pela arte e pela cultura, o mínimo apreço. São muitos os golpes sofridos pela cultura nos últimos anos: a redução do papel do Estado no desenvolvimento de políticas públicas e de apoio à diversidade cultural, a progressiva diminuição do investimento orçamentário na área, o acirramento das disputas acerca da Lei Federal de Incentivo à Cultura, as ações de censura e retaliação às obras e temas que desagradam o governo federal, o aparelhamento e o desmonte de órgãos fundamentais para a soberania cultural do país como o IPHAN. A extinção do Ministério da Cultura em 2019, substituído por uma Secretaria inserida no Ministério da Cidadania e realocada no Ministério de Turismo, com a perda da autonomia, representatividade e diminuição de orçamento para a pasta, são alguns dos exemplos do desmonte da cultura que vêm se alastrando no país.

De acordo com o Sistema de Informações e Indicadores Culturais do IBGE 2007-2018, publicado em dezembro de 2019, a área cultural, considerando toda sua cadeia produtiva, representa em torno de 5,7% da força de trabalho do país, quase 5,2 milhões de trabalhadores, o que não é pouco. No entanto o que se percebe é a total falta de reconhecimento e de compromisso com a área, por parte do governo federal.

A pandemia da COVID 19 vem potencializar esta crise, evidenciando a necessidade de políticas públicas que de fato possam atender, proteger e apoiar a diversidade das manifestações culturais do país.

## #PaçoEmTodoLugar

Os museus foram uma das primeiras instituições fechadas pelas medidas de prevenção ao contágio da COVID 19 e vêm enfrentando inúmeros desafios: assegurar a saúde dos funcionários através dos trabalhos home office, manter a segurança e a limpeza dos espaços físicos e de suas coleções, rever contratos de parceria e pagamento para fornecedores, elaborar medidas relacionadas aos contratos de trabalho dos funcionários, bem como estabelecer novas formas e modelos de interação com o seu público. Sem previsão de abertura, muitas instituições tiveram que repensar sua programação voltando-se para ações nas plataformas digitais.

No caso do Paço das Artes, desde o início do fechamento de nosso espaço, temos desenvolvido a ação #PaçoEmTodoLugar, alinhada com atividades da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo onde há o agrupamento e divulgação de ações virtuais (#CulturaEmCasa) de todos os equipamentos culturais.

Como fio condutor destas ações, escolhemos temas periódicos que se relacionam não somente com a memória da Instituição, mas também com exposições e atividades promovidas pelo Paço das Artes ao longo de sua história. Cada tema funciona como um ‘disparador’ que norteia a programação do período: ações educativas, artísticas e interativas apresentadas em formatos diversos para os ambientes digitais da instituição (*website*, Instagram, Facebook, Twitter, Youtube e LinkedIn), com o objetivo de manter o diálogo com o nosso público.

Curadorias de net art, mostras de vídeo, espaços de ativação *online* e no espaço urbano, projetos artísticos desenvolvidos especialmente para o ambiente da rede, *lives*, cursos *online*, posts informativos, são algumas das iniciativas que o Paço das Artes tem desenvolvido.

Não se trata, evidentemente, de transpor para o espaço digital projetos que faríamos no espaço físico, mas de pensar novos formatos curatoriais e de apresentação cultural que possam oferecer um espaço de experiência efetivo junto ao público no espaço virtual.

Obviamente a discussão e a utilização dos meios digitais em sua relação com o campo da arte e da cultura não são recentes. Museus digitais, exposições em plataformas virtuais, utilização de realidade aumentada e realidade virtual para a produção de conteúdos culturais, catalogação de acervos artísticos e desenvolvimento de banco de dados para obras de arte são algumas das estratégias que encontramos em museus dentro e fora do Brasil. Não se trata, no entanto, de substituir o espaço digital pelo espaço da vivência física, mas não podemos negar que a utilização das plataformas virtuais veio para ficar.

A necessidade de isolamento durante a pandemia chamou a atenção para uma série de questões relacionadas ao papel e aos formatos do museu que já vinham sendo realizadas pela área, tanto no que diz respeito à utilização das plataformas digitais, quanto ao papel social do museu e do esgotamento de um modelo hegemônico de museu espetáculo: gastos exor-

bitantes para mostras *blockbusters*, desconexão da realidade museal com o seu entorno, descolamento das instituições com a realidade do país e com as diferenças e particularidades das vozes que permeiam o tecido social. Se a lógica do museu espetáculo passou a ser a tônica de muitos espaços inseridos nas regras do consumo cultural, é importante, em épocas de isolamento social, repensarmos o papel social do museu na sociedade.

Waldemar Cordeiro em seu *Manifesto de Arteônica* - neologismo criado a partir da fusão da palavra arte com eletrônica - publicado no início dos anos 1970, acreditava que a utilização do computador e dos meios digitais como suporte e matéria-prima para a produção artística, poderia ampliar o acesso à cultura. Pessoas de qualquer classe social ou localização poderiam ter acesso ao “original digital” de forma rápida e precisa e sem perda de informações da mensagem original. Obviamente o digital pode ser um forte aliado nestes novos formatos a serem incorporados pelos espaços culturais. Mas não apenas. Dentro deste novo contexto, e em um país tão diverso como o nosso, e com tantas desigualdades, torna-se cada vez mais necessário estabelecer diálogos entre o ‘dentro e o fora das redes’, sem correremos o risco de criarmos, mais uma vez, um espaço desconectado com a realidade social. Torna-se imprescindível, neste contexto, que os museus se desloquem e abram espaço para o diálogo com as comunidades e a diversidade dos atores culturais.

Fig 1. Regina Silveira, *Limiar*,  
videoinstalação, 2015. Apresentada na exposição *Limiares*,  
Paço das Artes, com curadoria de Priscila Arantes, 2020.  
Foto: Bruna Coelho



## Dentro e fora do Paço das Artes

A pandemia pegou em cheio o Paço das Artes que tinha acabado de abrir a primeira exposição na sua nova sede, no dia 25 de janeiro do presente ano: uma individual da artista brasileira Regina Silveira.

O título da exposição, *Limiares*, dialoga com a obra *Limiar* apresentada na mostra: uma vídeo-projeção onde a artista explora, assim como em outras obras de sua autoria, as possibilidades conceituais, expressivas, linguísticas e políticas da luz. Como em *Étant donnés* de Duchamp, somos convidados a olhar por uma pequena fresta uma escritura luminosa da palavra luz: aqui imagem e escrita se misturam; a palavra luz dá espaço para a luz enquanto imagem e fonte luminosa. Apresentada em várias línguas e alfabetos, a palavra dialoga ainda com o campo da escrita de povos e culturas diversas. Talvez aqui, o conceito luz ganhe um sentido quase metafísico, como no trabalho de Duchamp: do início, daquilo que dá vida. Não por acaso a imagem e a palavra são acompanhadas por um som de respiração, que colocado ali estranhamente, nos dá a sensação de que a luz é um corpo que respira, um corpo que pulsa, vivo, neste novo começo, como na ocasião de inauguração da nova sede do Paço das Artes no antigo casarão Nhonhô Magalhães.



Fig 2. Regina Silveira, **Cascata**, vinil adesivo, 2020. Apresentada na exposição Limiaries, Paço das Artes, com curadoria de Priscila Arantes, 2020.

Foto: Bruna Coelho

Limiaries foi um dos primeiros motes das ações do #PaçoEmTodoLugar. Expandindo os trabalhos educativos que já tinham sido realizados para a formação de professores da rede pública, ministrados por Paulo Portella, oferecemos o curso “Anamorfozes” desenvolvido por Eduardo Verderame. A artista Inês Raphaelian e o crítico Teixeira Coelho foram convidados para dar um depoimento em vídeo sobre as obras de Regina Silveira. Para finalizar o artista Lucas Bambozzi apresentou três obras em vídeo que dialogavam com o trabalho que Regina apresentou em Limiaries, com um olhar sensível sobre as “janelas”.

Limiar que já foi instalação, agora sai do espaço do Paço das Artes e povoa a cidade; torna-se um vagalume pulsante que acende e apaga em nova obra da artista realizada em parceria com o VJ David dos Santos em um edifício no município de Diadema.

Devemos estar atentos a esta dimensão criativa e transformadora da arte e da cultura para podermos elaborar uma sociedade mais igualitária e solidária. Localizá-las exige outro modo de ver e outra política da luz, não rendida à sedução daquela que se apresenta como hegemônica ou única. Que os vagalumes possam brilhar com intensidade, nos diferentes espaços do nosso país!



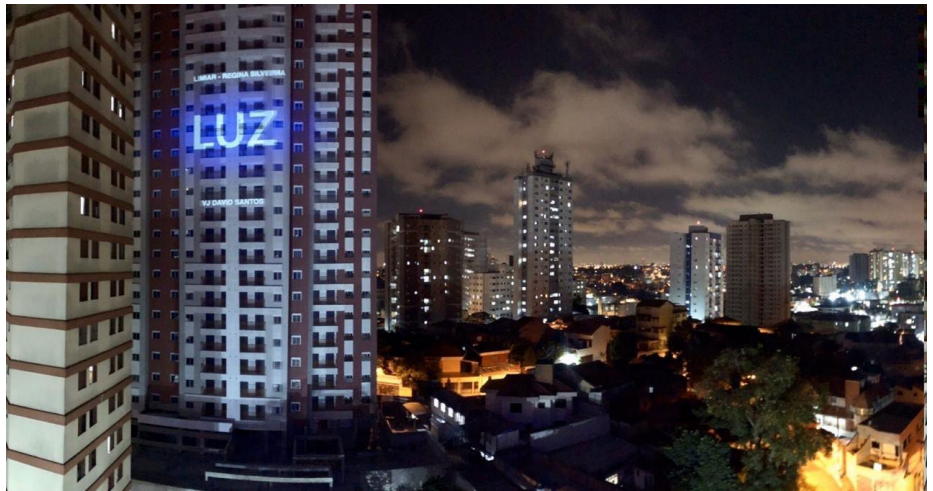


Fig 3. Regina Silveira, Limiar (*Vaga-lume*), vídeo projeção, 2020. Diadema. Produção: VJ David Santos

1 Artigo publicado originalmente em: ARANTES, Priscila. Sobre lampejos em tempos de pandemia. **Jornal da ABCA**, Rio de Janeiro, n. 53, on-line, março, 2020. Disponível em: <http://abca.art.br/httpdocs/sobre-lampejos-em-tempos-de-pandemia-priscila-arantes>.

## Referencias

- CORDEIRO, Analivia (Ed.). **Waldemar Cordeiro: Fantasia Exata**. Itaú Cultural, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Tradução de: Vera Casa Nova.
- PASOLINI, Pier Paolo. "Il vuoto del potere" ovvero "l'articolo delle lucciole". **Corriere della Sera**. Milão, s.p. 1 fev. 1975. Disponível em: <https://www.eticapa.it/eticapa/pier-paolo-pasolini-larticolo-delle-lucciole/>. Acesso em: 28 ago. 2020
- . SILVEIRA, Regina. Prazer da Imagem. **Dat Journal**, São Paulo, v. 4, n. 3, p. 11-21, 6 dez. 2019. Universidade Anhembi Morumbi. <http://dx.doi.org/10.29147/dat.v4i3.143>.

**Recebido:** 08 de junho de 2020.

**Aprovado:** 21 de setembro de 2020.